Arquivo

Para Galvêas, sucessor de Figueiredo encontrará a estrada asfaltada

Alta dos juros nos EUA continua sem explicação

Heitor Tepedino

Nova Iorque — Alguns resultados anunciados da economia americana demonstram que a elevação da **prime rate** de 11 para 12 por cento, em duas etapas, continua sem justificativas aceitáveis. Em fevereiro, as vendas por atacado caíram 2,2 por cento, a maior queda dos últimos dez anos, e os meios de pagamento caíram em US$ 5 bilhões até 4 de abril, precisamente o dobro das expectativas do Federal Reserve. Os analistas de mercado acusam o Banco Central americano de preocupar-se mais com a economia, descuidando-se da política monetária, sua primeira obrigação.

Por seu lado, o presidnte Ronald Reagan garante que o déficit do orçamento governamental e as taxas de juros são dois setores independentes, não aceitando a tese dos banqueiros de que os juros aumentaram principalmente por causa deste déficit. No entanto, o Federal Reserve resolveu precaver-se contra qualquer ameaça de reaquecimento inflacionário oriundo de um crescimento excessivo da economia, tirando dólares do mercado na base da tonelagem — US$ 5 bilhões em um mês — bem como segurou a liberação de reservas dos bancos comerciais. Com isto, as pressões voltaram em termos de taxas de juros no **overnight** que, em apenas duas semanas, saltaram de 9,75 para 10,27%.

Apesar desta política do Federal Reserve totalmente descalibrada, os analistas de mercado não acreditam que os freios utilizados sejam suficientes para segurar a economia americana, que está visivelmente embalada para expandir-se, já havendo um clima nacional de uma nova fase, desta feita de crescimento. Além disto, apesar deste **enxugamento** de mercado pelo Federal Reserve, os bancos têm trabalhado no mercado interbancário com excesso de liquidez, muitos deles com dificuldades de aplicação dos seus depósitos. Mesmo assim, as taxas de juros subiram tanto no interbancário como na **prime**, sem justificativas louváveis.

Do lado de lá do oceano ficam os países devedores nesta dependência dos banqueiros americanos e do Federal Reserve, sem saber o tamanho da conta de juros no fim do ano. Este setor passou a ser uma caixa de surpresas, desde que, embora a inflação dos EUA esteja plenamente controlada em um patamar entre três e quatro por cento ao ano, a um simples temor de que possa ser aquecida, o peso desta reação cai com todo o seu peso justamente sobre a cabeça de quem nada tinha e nada tem a ver com isto, que são os latino-americanos.

No meio deste clima nervoso, a consequência óbvia foi o encarecimento do dólar no mercado internacional, porque com os juros pulando para 12 por cento e algumas previsões de que poderá chegar a 13 por cento ainda este ano, o mais seguro é comprar dólar do que outras moedas, principalmente européias. O Mercado Comum Europeu continua em crise de entendimentos. Uma ampla reportagem da revista americana Newsweek mostrando a decadência tecnológica da Europa e a impossibilidade de recuperação deve ter pesado para que as moedas européias não atraiam os investidores deste setor.

Nas indecisões de uma política bem programada para pôr-se um fim na recessão mundial, os mais prejudicados são os países em desenvolvimento, que voltaram a conviver com taxas de juros elevadas. As barreiras de comércio internacional mantêm uma tendência de agravamento do protecionismo, constatando-se que o individualismo passou a ser um estado de espírito nos países desenvolvidos, cada um olhando com absoluta prioridade para os seus próprios problemas, sem uma análise mais profunda na procura de saber-se o que o mundo precisa para que todos possam conviver sem ser em permanente crise.

Caso a acusação de Ronald Reagan aos banqueiros não seja uma posição política — visando a reeleição este ano — os devedores do Terceiro Mundo passam a ter uma perspectiva melhor em termos de verificar-se uma inversão na atual tendência de alta das taxas de juros. Para isto, muito dependerá dos próximos passos do Federal Reserve na execução da política monetária. No entanto, os países devedores não podem passar neste exame por bom comportamento, porque devem rebelar-se contra as atuais taxas de juros, principalmente se levar-se em conta que o único país que até agora rebelou-se, a Argentina, também foi o único que conseguiu juros mais baixos.